

DINÂMICAS DE INTEGRAÇÃO

Para formar grupos vencedores

Ney Wendell

DINÂMICAS DE INTEGRAÇÃO

Para formar grupos vencedores

Ney Wendell



Petrópolis



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Wendell, Ney

Dinâmicas de integração : para formar grupos vencedores / Ney Wendell. –
Petrópolis, RJ : Vozes, 2016.

Bibliografia

ISBN 978-85-326-5371-0 – Edição digital

1. Dinâmica de grupo 2. Jogos 3. Relações interpessoais 4. Valores humanos
I. Título.

16-04259

CDD-302.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Dinâmica de grupo : Sociologia 302.3

© 2016, Editora Vozes Ltda.

Rua Frei Luís, 100

25689-900 Petrópolis, RJ

www.vozes.com.br

Brasil

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Diretor editorial

Frei Antônio Moser

Editores

Aline dos Santos Carneiro

José Maria da Silva

Lídio Peretti

Marilac Loraine Oleniki

Secretário executivo

João Batista Kreuch

Editoração: Gleisse Dias dos Reis Chies

Diagramação: Sandra Bretz

Capa: Hidesign Estúdio

Ilustração de capa: © imaginando | fotolia

ISBN 978-85-326-5371-0 – Edição digital

Editado conforme o novo acordo ortográfico.

Sumário

- 1 Integrar com afetividade
- 2 Elementos para desenvolver a integração
- 3 Dinâmicas
- 4 O papel afetivo e criativo do facilitador
- 5 Relação intrapessoal e interpessoal no grupo

Textos de capa

Integrar com afetividade

Na base do tema da afetividade proposta neste livro, se encontram os valores humanos que são usados como tema para guiar a integração interpessoal. Acreditamos que há uma imensa necessidade de se desenvolver e praticar atitudes simples de cuidado, amorosidade e carinho com o outro. Observamos que na vida acelerada e cheia de problemas faltam espaços para estimular atitudes afetivas e gerar sentimentos bons para o bem-estar coletivo. É possível criar esses espaços e integrar as pessoas a partir da manifestação afetuosa de cada um no grupo.

Desta forma o momento de se apresentar, de conhecer o outro e de trabalhar junto em grupo vem ligado ao desenvolvimento da capacidade de amar, de fazer o bem e cuidar do próximo. Com isso, colocamos nossos corações em completa abertura para sentir e viver com o outro.

É hora de integrar, de fazer do encontro um ato simples de troca de palavras, gestos e sentimentos de amor que habita em nós.

Elementos para desenvolver a integração

É importante que o facilitador reconheça que as dinâmicas propostas aqui tenham como objetivo a integração afetiva do grupo e, para isso, utiliza-se de alguns elementos ligados aos valores humanos. São esses valores que trazem bem-estar para as pessoas, tornando-se os temas básicos para que os participantes compreendam que são capazes de amar, de dialogar com sensibilidade e de manter a paz consigo e com o outro. Com isso, o facilitador deve manter sempre a dinamização de alguns elementos que irão amplificar o desenvolvimento afetivo e exercitar os valores humanos. São eles: **O falar com amorosidade:** em todas as atividades os participantes são convidados a falar. O facilitador precisa valorizar sua participação ativa e estimular que cada um fale no momento adequado de dar suas opiniões. É importante que as falas tragam elementos sensíveis, exercitando o cuidar e o carinho para com os outros participantes. As temáticas que são abordadas facilitam esse expressar sensível e o uso de palavras que são ligadas à paz e à harmonia cotidiana.

O ouvir com respeito: é imprescindível que todos consigam se ouvir, respeitando-se as diferenças de opiniões e as visões pessoais. O facilitador orienta os participantes a praticar o ato de escutar, reservando o tempo necessário para isso. As dinâmicas já trazem o estímulo direto à escuta, pois é algo fundamental quando se quer integrar. Os atos de parar e ouvir se tornam naturais a cada atividade, o que estimula os participantes a adotarem esse tipo de atitude no seu cotidiano.

O expressar com criatividade: quando somos estimulados a criar algo, o prazer se instala e a aprendizagem se dinamiza. O facilitador deve manter o estímulo da participação criativa das pessoas do grupo. É incitar que tragam suas ideias originais; sua entrega extrovertida à atividade; suas visões singulares do mundo e que acreditem no seu próprio poder criador. O prazer de inventar leva os participantes a viverem as atividades com maior disposição e vontade. O ato de manifestar a criatividade ajuda a liberar a sensibilidade. Cada pessoa sabe internamente criar e transformar positivamente sua realidade no viver em bem-estar, sentindo o quanto é necessário ser um humano amoroso.

O valorizar a presença do outro: o estar em grupo é essencial para exercitar valores humanos que serão transformadores na vida das pessoas. É com o outro que se aprende a exercitar o olhar, o escutar, o falar e o tocar para uma reconstrução da amorosidade no cotidiano. Por isso, o facilitador deve valorizar o nome de cada participante, sua presença e entrega às atividades. Os exercícios disponibilizados neste livro acabam valorizando a presença do outro como parceiro, pois é na relação cuidadosa que se estabelece a integração afetiva do grupo.

Dinâmicas

1 Cantar o nome na roda

Os participantes são posicionados em roda. O facilitador faz um exercício de produção de som, batendo os pés esquerdo e direito num ritmo binário (1,2, 1,2...). Faz isso durante um curto tempo de preparação. É apenas para garantir que todos tenham aprendido a seguir o mesmo ritmo. Depois esclarece que cada um cantará seu primeiro nome nesse ritmo dos pés. A ideia é que o participante cante uma primeira vez e que na segunda, todos repitam com ele, igualzinho à forma que ele cantou. O facilitador pode começar cantando o seu nome e depois todos repetem. Após, o próximo participante da direita começa e assim sucessivamente. Em seguida, o facilitador avisa que todos deverão cantar num ritmo completamente diferente e que não mais utilizarão os pés para manter o mesmo ritmo. É importante que cada participante faça algo diferente do outro. Lembra que eles podem cantar em ritmos como samba, *rap*, *funk*, sertanejo, ópera, hino religioso e tantas outras possibilidades musicais. O participante canta uma vez e todos imitam. Ao final, pergunta como foi a experiência de ouvirem cantar seu nome e se conseguiram gravar alguns nomes da turma. Dialogam um pouco sobre a importância e a beleza do nome de cada pessoa.

2 Ser um objeto criativo

Em círculo, os participantes deverão se apresentar de uma forma diferente. Eles deverão criar com o corpo um objeto, transformando-se em uma estátua e assim dizer seu nome. Esse objeto pode ser algo da natureza, do cotidiano ou algo completamente surreal. Cada um pensa no objeto e como poderá expressá-lo com seu corpo. No momento que o participante finaliza sua estátua de um objeto, repete uma segunda vez e os outros lhe imitarão no movimento e na forma de falar seu nome. Cada um faz e os outros repetem até finalizar o círculo. Faz-se uma segunda vez, pedindo que mostrem mais expressividade no movimento e falem com mais energia seu nome. Segue-se a mesma proposta de falar uma vez sozinho e na segunda de todos repetirem. Ao final, pergunta-se sobre como se sentiram ouvindo e falando os nomes dos colegas. É importante que se fale sobre a coragem de se expressar corporalmente e de falar seu nome com vivacidade.

3 Roda de elogios

O grupo é dividido em equipes de 4 pessoas. Elas devem ficar distribuídas em pequenos círculos pela sala. O facilitador pede que sejam dados números de 1 a 4 para cada membro da equipe. Quando for dado um sinal, o número 1 vai para o meio e ficará em silêncio, enquanto os outros o elogiam. A proposta é que os outros que estiverem ao redor falem coisas positivas sobre o colega, comunicando-se com calma e com atenção para que todos do pequeno círculo possam se ouvir. Mesmo se não conhecerem a pessoa, devem lhe desejar algo positivo ou apenas falar o que sentem de bom a seu respeito intuitivamente. Após 1 a 2 minutos, o facilitador pede para que o número 2 entre e que o 1 volte para o pequeno círculo. Em seguida é a vez do 3 e, logo após, o 4 irem para o meio. Depois de todos terem ido, abre-se uma grande roda para conversarem sobre como foi ouvir os elogios. Nesse momento o facilitador deve guiar o grupo para o entendimento sobre o respeito, o cuidado e a importância do outro no grupo.

4 Círculos do bem-vindo

A turma é dividida em grupos de 3 participantes. Dá-se uma letra para cada participante com a divisão em A, B e C. O participante A e o B dão-se as mãos, formando um círculo e o C fica no meio. A proposta é que A e B falem frases de boas-vindas para C. São frases que valorizam a presença da pessoa e que a façam se sentir bem com mensagens e sorrisos. Quando o facilitador der um sinal, os participantes C devem trocar de lugar e se dirigir para outro pequeno círculo. No momento que C chegar nesse novo círculo, os participantes A e B devem recebê-lo bem, com palavras e frases. O facilitador prossegue, solicitando que C troque algumas vezes de lugar. Depois pede que C fique na equipe do último lugar que ele parou e troque com B, que ficará no meio. Agora se faz a atividade com B se deslocando e A e C recebendo e falando com aqueles que chegam. Em seguida, realiza-se a mesma atividade com A que se deslocará também pelos outros círculos. Ao final, pergunta como cada um se sentiu sendo bem recebido e também comenta sobre a oportunidade de falar coisas boas para o outro.

5 Doando uma canção

O grupo fica em círculo. O facilitador pede para que cada um se lembre de um pedaço ou de um refrão de uma música que goste e que traga uma mensagem positiva para as pessoas. Ele explica que o grupo fará uma doação desses pedaços de músicas. A ideia é que cada um entre na roda cantando e escolha uma pessoa para doar a energia positiva da música. Troca-se de lugar com a pessoa que recebeu a música e esta começa a cantar seu refrão andando e logo escolhendo outra para receber a canção. Prossegue-se a atividade com algum voluntário e segue-se com as trocas de pessoas até que todo o grupo tenha participado. Ao final, pergunta-se como se sentiram cantando e recebendo as doações musicais.

6 Exibindo o autorretrato

O grupo recebe uma caneta e um papel. Pede-se para que eles façam um desenho do seu rosto, ocupando todo o espaço do papel. É um autorretrato. Dá-se um tempo para a confecção do desenho e depois pede-se para que eles escrevam uma palavra em letras grandes que represente bem sua personalidade. Após todos desenharem, devem colocar seus desenhos no meio da sala. Solicita-se que cada um se dirija ao centro e pegue outro desenho de algum colega. Eles devem pegar esse autorretrato, segurar na frente do tórax e andar todos juntos pela sala. São avisados que, ao fazerem isso, devem observar cada desenho feito pelos colegas e as palavras escritas. Colocam novamente os papéis no chão. Nesse momento o facilitador solicita que cada um pegue seu próprio desenho e que comece a andar pela sala, exibindo-o em frente ao corpo. Andam e observam as produções dos outros. Ao final, posicionam-se em um grande círculo e conversam sobre como foi observar e ser observado através do desenho. É importante salientar a diversidade do grupo e o respeito por cada um com sua personalidade e forma de se expressar.

7 Sendo um artista no meio da roda

A atividade se desenvolverá em roda. O facilitador coloca um ponto no meio da roda e diz que esse é o lugar do “ser quem eu sou”. Explica que cada um irá se posicionar nesse ponto e deverá falar seu nome e depois completar a frase: “Eu sou...”, colocando um sentimento, uma característica ou apenas uma palavra simbólica que lhe represente. Depois que cada participante falar no meio da roda, todos ao redor devem aplaudir com bastante força como se estivessem diante de um grande artista de sucesso. É aplaudir com entusiasmo e muita animação. Ficam aplaudindo uns 20 segundos e depois o facilitador pede que parem e chama a próxima pessoa na sequência do círculo. Faz a mesma coisa, falando o nome e complementando a frase, seguindo-se com os aplausos ao final. É preciso lembrar que a pessoa do meio apenas deve agradecer sem bater palmas, ouvindo somente a animação dos outros. Depois que todos tiverem ido, o facilitador pergunta como eles se sentiram no meio do grupo, falando e ouvindo os aplausos. O facilitador lembra que é fundamental valorizar a presença de cada um no grupo.

8 Braços abertos na roda de samba

Primeiramente, o facilitador ensina ao grupo como é uma batida de palmas no ritmo do samba. Pedem que fiquem em círculo e explica que todos ficarão tocando o ritmo do samba e que cada um entrará na roda e dançará livremente. Três coisas que as pessoas deverão fazer no meio, além de dançar: falar seu nome, abrir os braços e circular pelo grupo, mostrando-se sorridente e alegre. A pessoa do meio escolhe outra pessoa da roda e troca de lugar com ela. Quando o novo participante entrar na roda, deve seguir a mesma atitude de se apresentar, dançar livremente, abrir os braços e circular. Segue com as trocas de participantes na roda de samba até que todos tenham ido ao meio. Ao final, o facilitador abre um diálogo sobre o que eles sentiram no momento de se mostrar ao grupo no meio da roda. Conversam sobre a alegria e a festividade de viver um momento integrativo.

9 Mensagens para receber bem o outro

O grupo é dividido em dois círculos concêntricos. Um é o grupo externo e o outro é o grupo interno. O facilitador explica que o grupo externo falará mensagens positivas de incentivo para as pessoas do grupo interno. Ele pede que aqueles que estão na parte interna fechem os olhos e os outros que estão ao redor na parte externa circulem entre as pessoas. O grupo externo circula e vai aos poucos chegando perto do ouvido de alguém do grupo interno e fala uma mensagem positiva. É algo que pode fazer bem para a outra pessoa. Dependendo da escolha do facilitador, podem antes ser entregues mensagens escritas para eles apenas lerem. Seguem falando livremente para um e para o outro. Ficam circulando por uns 3 a 4 minutos. Depois se inverte, trocando de lugares o grupo interno e o externo. Prossegue com o mesmo tipo de atividade com os participantes do grupo interno fechando os olhos e os outros circulando e falando mensagens. Ao final, discutem como foi a experiência de falar e ouvir coisas boas dos colegas.

10 Encontrar pelas semelhanças

O facilitador solicita que todos andem pelo espaço da sala. Eles devem circular e prestar atenção ao que será indicado para fazerem. O facilitador pede para que eles se reúnam com pessoas que usem a mesma cor de camisa, olhem um para o outro e depois voltem a andar sozinhos. Depois segue esta proposta de solicitar diferentes formas de se reunirem, como: aqueles que têm o mesmo tamanho de cabelo; que são da mesma altura; que torcem pelo mesmo time de futebol; que moram no mesmo bairro; que comem pizza etc. O facilitador cria outras possibilidades, pensando sempre em algo que possa formar pequenos ou grandes grupos. Depois da atividade, o facilitador dialoga um pouco sobre como é viver com as diferenças e as semelhanças do outro.

11 Quem está em meu coração?

O facilitador distribui um papel em formato de coração e uma caneta. Explica aos participantes que eles irão caminhar pela sala e quando for dado um sinal, deverão parar e perguntar o nome da outra pessoa mais próxima e escrevê-lo no papel. Segue a atividade e o facilitador solicita algumas vezes que eles parem e escrevam os vários nomes no papel. Faz-se um círculo e cada um deverá falar os nomes escritos. Para isso, todos os participantes devem dizer antes de ler: “Quem está em meu coração é... (diz os nomes)”. Depois de todos falarem, o facilitador pergunta o que significou a atividade para a convivência em grupo.

12 Ponte dos valores humanos

Coloca-se no chão da sala diversos pedaços de fita larga ou papel com comprimento de 50cm. Nas fitas, tem escrito: “Ponte da...” O facilitador explica que os participantes se deslocarão pela sala e quando for dado um sinal, deverão parar em dupla. Cada um numa ponta das fitas. No momento que pararem nas pontas, devem escolher e falar um bom sentimento que complete a frase, como: paz, alegria, união, amizade etc. Após a decisão do nome da ponte, um se apresenta ao outro para se conhecerem. Desenvolve-se a atividade e aos poucos se solicita que os participantes parem nas fitas. Repete-se a parada algumas vezes, sempre lembrando para se deslocarem pela sala inteira. Como complemento da atividade, pode-se distribuir no final a letra da música “Vamos construir” interpretada por Sandy e Junior para cantarem juntos ou outra música semelhante. Logo após, dialogam sobre o significado da criação da ponte para o grupo.

13 Distribuir pétalas

Cada participante recebe uma pequena caixinha cheia de pétalas de papel com 5 a 8 frases em que estão escritos valores humanos, como: pétala do amor, pétala da tranquilidade, pétala da coragem, pétala da bondade etc. A ideia é que os participantes andem pela sala e com o sinal do facilitador, parem e deem uma pétala para alguém com sua frase específica, explicando o motivo de doar um valor positivo. Prossegue-se com a atividade sempre parando e entregando uma nova pétala. É importante lembrá-los que eles receberão frases diferentes, mas que devem entregar a sua frase e ficar com as que forem recebidas. Ao final, pede-se que leiam quais as pétalas que mais receberam e qual a importância da troca para a convivência.

14 Guarda-chuva da amizade

O facilitador divide a turma em grupos de três pessoas. Pede que se nomeiem entre si, decidindo-se quem é número 1, o 2 e o 3. Entrega para o número 1 um guarda-chuva da amizade. Explica que o guarda-chuva é para proteger duas outras pessoas. Esclarece que todos se deslocarão pela sala e quando o facilitador disser “Olha a chuva!”, o número 1 para, abre o guarda-chuva e protege duas outras pessoas. Nesse momento, todos que estiverem debaixo do guarda-chuva devem se apresentar um para o outro. Depois o facilitador diz: “A chuva parou”, e todos voltam a andar. Segue a atividade, pedindo-se para pararem, conversarem e depois andarem. Depois de umas três paradas, solicita que o número 1 passe o guarda-chuva para o número 2. Repete-se algumas vezes. Por último, passa-se o guarda-chuva para o número 3 e são reproduzidos o mesmo processo de andar, de parar e de conversar. Ao final, pergunta como foram esses pequenos encontros e o que o exercício trouxe de aprendizagem.

15 Espelho de boas afirmações

O grupo é dividido em duplas. Cada dupla se subdivide em pessoa A e pessoa B. O facilitador distribui para as pessoas que são A um pequeno espelho que terá uma frase escrita. É uma afirmação positiva, como algumas dessas possíveis frases: “Eu sou uma pessoa que traz paz”; “Eu tenho muita coragem na vida”; “Eu tenho um imenso carinho pela minha família”; “Eu sou solidário”, entre outras. Esclarece que as pessoas que são B ficarão paradas e as que são A andarão pela sala. Quando for dado um sinal, A irá parar em frente a algum B e mostrar o espelho. Nesse momento somente B vai comentar a afirmação que está escrita. Com outro sinal, quem é A volta a se deslocar e parar em frente a outro B. Faz-se a mesma coisa, sempre B comentando e A escutando. Repete-se algumas vezes a atividade e depois se inverte com B se deslocando com o espelho e A parado para comentar as frases que chegam. Depois dessa nova sequência, o grupo faz um círculo para comentar o que aprendeu com as afirmações.

16 Palavras nas cadeiras

O facilitador colocou palavras nas cadeiras antes de os participantes entrarem nas salas. Essas palavras são valores humanos importantes no cotidiano, como: perseverança, fé, confiança, amorosidade, carinho, tolerância etc. Quando todos estiverem sentados, o facilitador explica que eles deverão comentar com o colega do lado a palavra que está escrita na cadeira. Primeiramente, eles devem se apresentar e depois falar, explicando qual a importância desse valor no cotidiano. Falam um pouco e logo após o facilitador pede para que eles levistem e busquem outras cadeiras que estejam longe da sua. Sentam e novamente explicam para o outro colega a importância da nova palavra. O facilitador segue solicitando que mudem de lugares algumas vezes. Ao final, retornam para a sua cadeira e comentam um pouco sobre a riqueza dos diálogos que tiveram com os outros participantes.

17 Texto coletivo sobre a vida

Os participantes recebem uma folha e uma caneta. O facilitador solicita que eles comecem a escrever um texto sobre “o sentido da vida”. Assim que eles começarem a escrever, o facilitador pede para eles pararem. Divide-os em números 1 e 2. Os que forem número 1 ficarão sentados e os de número 2 deverão se deslocar pela sala. Explica-lhes que agora andarão e quando houver um sinal, eles irão parar e pedir que qualquer colega de número 1 continue a escrever seu texto. É importante se apresentarem a cada momento que forem parar do lado de alguém. O número 2 escreve um pouco e logo o facilitador pede para parar a continuação do texto e solicita que ande. Para em frente a outro colega e depois volta a andar. Isso será feito algumas vezes. Depois se inverte com o número 1 sentado e o número 2 andando e construindo o texto com os outros. Ao final, cada pessoa lerá como ficou o texto criado coletivamente e discutirá sobre como foi a construção coletiva.

18 Costurando valores

Cada participante recebe um pedaço de fita com um valor humano escrito, como: paz, alegria, beleza, amor, esperança etc. Todos ficam em círculo e cada um é convidado a falar seu nome e o valor que está segurando. Depois que falar, vai para o meio do grupo e fica lá. O próximo da direita fala e segue para o meio. Nesse momento o segundo deverá amarrar sua fita à outra fita do colega. Todos continuam em pé no meio, segurando sua fita. A ideia é amarrar em qualquer lugar. Quando o terceiro falar e se dirigir ao meio, o facilitador esclarecerá que a partir daquele momento todos deverão amarrar as duas pontas de sua fita em qualquer lugar das outras que estiverem lá. Segue com cada um do grupo falando e se dirigindo para o círculo para amarrar sua fita. O facilitador relembra que a proposta é amarrar em qualquer lugar e criar um emaranhado. Quando todos já estiverem amarrados, solicita que falem sobre como se veem nesse emaranhado e o que isso traz de significado para o grupo. Após alguns comentários pede que desçam lentamente as fitas até o chão e voltem para o círculo. Avisa para observarem o que ficou formado no chão e falarem sobre as diversas interpretações da imagem formada.

19 Minha mão pede paz

Distribuem-se papéis e canetas para os participantes. Solicita-se que façam o contorno de sua mão no papel e escrevam no meio a palavra “paz” com alguma frase complementar e da forma que quiserem. O facilitador apresenta exemplos, como: paz na família, paz nas ruas, paz no trânsito etc. Depois são disponibilizadas algumas tesouras para eles recortarem o desenho da mão. Faz-se um círculo e cada um fala a sua frase, explica o porquê e coloca o desenho no chão. O próximo deve fazer a mesma coisa, mas quando colocar o desenho no chão deverá criar alguma relação com o outro que já está lá. Explica claramente que as mãos desenhadas deverão ser posicionadas no chão, pensando em algum tipo de relação entre elas. Em seguida, cada um fala e escolhe onde colocar sua “mão”. Ao final, todos observam o grande desenho que se formou no chão e comentam sobre qual o significado para a sua vida e para a sociedade.

20 Coração para os colegas

O facilitador entrega aos participantes um papel em formato de coração com o nome dos colegas participantes que integram o grupo. Entrega também uma caneta e pede que escrevam atrás do coração uma pequena mensagem positiva para os nomes que estão no papel. Depois de escrito, o grupo fica em círculo e cada um lê a frase e os nomes escritos no papel. Após lerem, doa o coração de papel ao colega escolhido com um abraço. O que ganhou o coração continua o exercício, lendo e doando para outra pessoa. Segue a atividade com cada um tendo a oportunidade de falar, doar e receber também o coração. Ao final, conversam sobre o que a atividade trouxe de importante para a convivência em grupo.

21 Setas dos bons desejos

O facilitador distribui no chão da sala uma quantidade de setas em duplas, sendo uma ponta virada para a outra. Nas setas tem a frase escrita: “Eu desejo para sua vida...” Explica ao grupo que todos os membros andarão pela sala e quando houver um aviso, irão parar atrás de uma dessas setas. Formam, assim, uma dupla com um virado para o outro. Eles devem ler a frase e completar para o outro o que deseja de bom para sua vida e explicar por quê. Depois de conversarem um pouco, solicita que andem, e com o sinal parem em outras setas. Repete-se algumas vezes a mesma proposta de mudarem de setas. Ao final, o facilitador pergunta ao grupo sobre como foi encontrar e ouvir as pessoas.

22 Imagem de bem-estar

O grupo é dividido em duplas com as pessoas sendo numeradas em 1 e 2. As que forem o número 1 formarão um círculo no meio e as que são 2 fazem um outro círculo ao redor do primeiro. A proposta é que fiquem dois círculos concêntricos. O facilitador entrega para as pessoas do círculo do meio, imagens impressas de lugares ou objetos que trazem bem-estar, como: pôr do sol; mar; céu estrelado; flores; sorriso de criança; pessoas abraçadas; rio; pássaros etc. O grupo de número 1 deverá andar pelo meio e, quando for dado o sinal, parar em frente a alguém do círculo de fora. Então, os participantes mostram a imagem e dizem que estão trazendo esse lugar agradável como um presente para a vida da pessoa que está ouvindo, revelando a simbologia do presente. Com outro sinal dado pelo facilitador, eles trocam e seguem para outra pessoa. Faz-se isso algumas vezes. Depois se invertem os papéis e o grupo 1 vai para fora e o grupo 2 entra para o meio do círculo. Passa as imagens para o grupo 2 e repete a mesma proposta de mostrar para o outro e explicar o significado da imagem para a vida. Ao final, os participantes conversam sobre o que ouviram e falaram.

23 Símbolos de união

Espalham-se por todo o chão da sala 10 imagens com símbolos de união. São imagens como: mãos dadas; teia; colmeia; círculo; pássaros voando juntos etc. O facilitador explica que, quando ele der o sinal, todos deverão escolher uma das imagens e ficar ao lado dela. Segue a atividade com os participantes se dirigindo para as imagens. Formam-se então pequenos grupos ao redor das 10 imagens. Pede que eles se apresentem um para o outro, explicando por que aquela imagem simboliza a união. Dá um novo sinal e cada um deve escolher outra imagem e fazer a mesma coisa. Repete a mudança algumas vezes. Ao final, conversam em círculo sobre o que a atividade trouxe de aprendizagem para a relação interpessoal no grupo.

24 Visita amiga

Os participantes são divididos em duplas, sendo que um é o visitante e o outro o anfitrião. Solicita-se que eles peguem as cadeiras e sentem um de frente para o outro. O facilitador esclarece que o visitante ficará em pé e se deslocará por outras cadeiras. O anfitrião ficará sentado e receberá os visitantes. Para cada um que chegar, o anfitrião deverá falar sobre o que sua casa fictícia oferece de valores positivos, humanistas etc. O visitante chega e apenas ouve. O facilitador prossegue com a atividade, dando o sinal para os visitantes trocarem de lugares e os anfitriões receberem bem cada um que chegar. Repete algumas vezes e logo em seguida invertem-se os papéis. O que era visitante senta e vira anfitrião, e vice-versa. Realiza-se novamente a mesma ideia de chegar e ser recebido com palavras positivas. Ao final, dialogam sobre os valores que fazem parte da vida e da relação com os outros.

25 Estrelas que fazem bem

O facilitador entrega para cada um do grupo um colar com uma estrela grande de papel e uma caneta. A proposta é que eles andem pela sala, e quando ouvirem o sinal, parem e escrevam uma frase otimista na estrela da pessoa mais próxima. Pede que reflitam um pouco sobre as frases otimistas que possam ser escritas, como: Seja muito feliz; Tenha fé na vida; Você é uma pessoa de sucesso; Sua família ama muito você etc. Prossegue-se a atividade, solicitando que parem, digam o nome um para o outro e escrevam algo positivo na estrela. Repete-se essa parada algumas vezes. Em seguida, faz-se um círculo e cada um lê o que tem escrito em sua estrela. Após todos falarem, fazem uma reflexão sobre a simbologia dessa estrela e a importância do otimismo do outro.

26 Barco trazendo bons valores

Entrega-se uma folha de papel ofício aos participantes e avisa-os para criarem um barco de papel. Depois do barco pronto, o facilitador pede que eles escrevam nele um valor positivo. Esse valor deve ser algo que ele possa trazer para o grupo, como: força, amizade, alegria etc. O facilitador estende no centro da sala um tecido azul e explica que ali é onde ficarão os barcos. Em círculo, cada um fala seu nome, o valor humano que trouxe e coloca o barco em qualquer lugar no tecido. Depois de todos falarem, o facilitador pede para eles observarem a imagem que se formou no tecido com os barcos e comentarem qual o significado disso para o grupo.

27 Cartões que fazem bem

O facilitador entrega a cada participante três cartões simples e três nomes de outros participantes do grupo. Podem ser cartões com imagens, como: pássaros, sol, estrelas, mar, jardim, entre outras simbologias da natureza. São imagens mais neutras e que podem ser presenteadas a qualquer pessoa. Explica-lhes que deverão escrever três mensagens diferentes, desejando algo positivo às pessoas e colocando o nome de cada uma no cartão. Orienta-os para que todos levistem juntos e procurem as pessoas que serão presenteadas. Na hora de entregar, devem ler a mensagem e dar o cartão. É importante que nesse dia todos estejam com um crachá ou adesivo com o nome identificado. Avisa-os para entregarem sem pressa e escutarem o outro. Após a distribuição, os participantes sentam e leem para si as mensagens, silenciando um pouco para refletir sobre o valor de cada texto. Nesse momento pode ter uma música calma de fundo. No final, avaliam os sentimentos que tiveram com a atividade.

28 Presente musical

O grupo de participantes é dividido em quatro equipes: A, B, C e D. A proposta é que cada equipe ensaie uma pequena música para fazer uma homenagem às outras. O facilitador distribui as músicas (conhecidas) e cada equipe terá um tempo para ensaiar e cantar junto. No momento do ensaio, o facilitador pede para os membros da equipe preencherem uma lista com seus nomes. Depois dessa preparação, explica a todos que a frente da sala é o palco onde serão as apresentações e que nas cadeiras da frente ficarão os homenageados. A divisão de equipes pode ser essa: A homenageia B; B homenageia C; C homenageia D;

D homenageia A. O facilitador entrega para cada equipe a lista da equipe a ser homenageada; ela lê e, logo após, canta a música. Ao final, dialogam sobre a importância de serem valorizados pelo outro na convivência grupal.

29 Corrente com frases positivas

O facilitador entrega uma pequena tira de papel para cada participante e solicita que escreva nela uma frase positiva. É algo que ele deseja para as outras pessoas que estão no grupo. Depois de escreverem, fazem um círculo, e cada um fala a sua mensagem. Mas é no momento de falar que eles colocarão a tira de papel em forma de anel e grampearão dentro do anel do outro, criando uma corrente. Somente o primeiro que falar formará seu anel fechado para, assim, começar a corrente da amizade. As pessoas falam a mensagem e passam o grampeador para o outro. Ao final, pede-se que o grupo coloque a corrente no chão e faça comentários sobre o significado da corrente com citações positivas.

30 Entrevista

Os participantes recebem uma folha de papel ofício dividida em três partes. Em cada uma dessas partes tem 4 perguntas: Qual o seu nome? O que é mais importante para viver em grupo? O que é fundamental para se viver bem? O que eu mais preciso? O facilitador avisa que eles andarão pela sala; quando ouvirem o sinal, param e preenchem o primeiro bloco de perguntas com alguém do grupo. Fazem isso uma segunda e terceira vezes para se preencher os três blocos de perguntas com três pessoas diferentes. Explica que a única regra da atividade é: responder sempre algo diferente para uma nova pessoa que lhe fizer as perguntas. Depois é aberto um círculo e cada um lê o nome das pessoas que entrevistou e as suas respostas. É importante na hora que esteja lendo, apontar para pessoa que foi entrevistada. Depois de todos falarem, o grupo dialoga sobre o que aprendeu com as respostas das pessoas.

31 Casa com valores humanos

O facilitador convida os participantes a desenharem uma casa no papel e a escreverem uma frase positiva nos vários lugares dessa casa. A frase deve mostrar os valores humanos que existem na casa. Apresentam-se exemplos de frases, como: Nesta casa as pessoas são carinhosas; Aqui tem muita paz; Nesta janela vemos a harmonia; É um lar de amor etc. Depois que desenharem e escreverem as frases anonimamente, os participantes colocam os papéis no meio da sala. O facilitador avisa para eles retornarem e pegarem outra folha que não seja a deles. Em círculo, cada um diz o nome e fala sobre a casa que pegou e o que trouxe de importante para sua vida.

32 Duplas de homenageadores

A turma é dividida em grupos de três pessoas, sendo nomeados internamente em 1, 2 e 3. O número 1 ficará parado e os que são 2 e 3 andarão pela sala. Quando for dado um sinal, o 2 e o 3 param em frente a qualquer número 1 e falam coisas positivas para essas pessoas, elogiando e homenageando. A homenagem pode ser referente: ao sucesso na vida; à força e à coragem de lutar sempre; à alegria no cotidiano; à solidariedade etc. Ao chegar em frente ao número 1, os dois devem inventar e falar coisas boas. Dá-se outro sinal e os dois buscam outra pessoa. Faz-se isso algumas vezes e depois pede-se que o 2 fique parado e os que são 1 e 3 andem. Repete-se a atividade com o 2 ouvindo as homenagens. Por fim, solicita-se que o 3 pare e os outros circulem e falem. No final, dialogam sobre o que a atividade trouxe de importante para a vida pessoal e em grupo.

33 Escuta sobre viver em grupo

Os participantes são divididos em três grupos A, B e C e recebem também uma etiqueta para escreverem e colarem seu nome nas costas. O facilitador mostra que tem uma linha de cadeiras na frente da sala onde, primeiramente, os participantes do grupo A sentarão de costas. Os outros participantes do grupo B e C poderão se dirigir para qualquer pessoa do grupo sentado e falar uma mensagem positiva sobre o viver em grupo. Lembra que devem falar atrás da pessoa para que ela não os veja e apenas ouça. Não importa se ficarem duas ou mais pessoas dos grupos B e C atrás de um participante A sentado. Começa-se a atividade e o facilitador dá sinal para que os participantes que estão em pé escolham uma pessoa e falem algo positivo sobre o tema do viver bem em coletivo. Segue dando o sinal para eles saírem de trás dessa pessoa e irem buscar uma nova pessoa. Avisa aos que estão sentados para se manterem concentrados em ouvir. Depois de um tempo, troca e coloca os participantes B sentados de costas e repete a atividade. Por último, os participantes C sentam e ouvem as mensagens dos colegas. No círculo final, o grupo dialoga sobre o que mais lhe chamou atenção nessas escutas.

34 Carta dos bons desejos

Cada pessoa do grupo recebe um envelope com um papel em branco. O facilitador explica que eles escreverão uma carta, desejando coisas boas e salutareis para a vida de outro participante. Ela será uma carta anônima. O facilitador passa pelo grupo com uma caixa para que cada um pegue o nome de um participante. Eles devem primeiro escrever a carta e ao final colocar o nome da pessoa na frente. Depois que finalizarem, todos colocam as cartas no meio da sala. O facilitador convida-os para que busquem a carta com seu nome. Em círculo, cada um lê sua carta para o grupo. Para finalizar, pergunta a opinião deles sobre o que a carta trouxe de positivo.

35 Você está em meu coração

O grupo é convidado a andar pela sala. O facilitador explica que, quando chamar o nome de alguém, essa pessoa deve parar e os outros se dirigirem a ela, dizendo o seu nome e a frase: “Você está em meu coração”. Continuam a andar e novamente dizem o nome de uma pessoa e todos repetem o nome e a frase. Segue a atividade até que todos tenham sido chamados. Ao final, dialogam sobre o que sentiram, ouvindo seu nome e a frase.

36 Grande mandala das palavras

No chão da sala está desenhado um conjunto de linhas que saem de um ponto no centro da sala para fora. No meio está escrita a palavra “grupo”. O facilitador distribui aos participantes uma folha em formato de círculo. Explica que eles deverão escolher uma palavra positiva que seja sinônimo de grupo. Eles escreverão a palavra em tamanho grande e criarão desenhos coloridos ao redor dela de forma livre. Disponibilizam-se os materiais de desenho para essas atividades. Depois que eles fizerem o exercício, o facilitador avisa que cada círculo de papel será colocado ao longo das linhas que estão no centro, começando do meio para fora. A ideia é que se forme uma mandala. Quando tiverem colocado os papéis, eles devem passear ao redor da mandala e ver o que ela traz de ideias e interpretações. Logo em seguida, os participantes ficam em círculo e cada um escolhe um desenho que lhe chamou a atenção e que lhe trouxe algo de interessante. É importante cada pessoa se apresentar e dar sua opinião sobre o desenho escolhido.

37 Sementes de girassol

Os integrantes do grupo recebem um saquinho contendo sementes de girassol e um papel com uma frase diferente para cada um. Essas frases trazem valores humanos importantes para a convivência em família, como por exemplo: sóis de paz; sóis de amor; sóis de alegria etc. O facilitador avisa que eles deverão andar pela sala e, quando ouvirem um sinal, param e doam o saquinho para outro mais próximo. Nesse momento fala seu nome, diz a frase do saquinho, explica o seu sentido para a pessoa e depois doa. Depois que um doar ao outro, o facilitador pede que andem e novamente parem para doar. Seguem repetindo essas trocas várias vezes. Logo após, cada um fala com qual frase ficou. Conversam depois sobre o que a atividade significou para o viver em família.

38 Cartazes de boas-vindas

O facilitador distribui no meio da sala diversos cartazes fechados com frases que valorizam a presença das pessoas no grupo. A proposta é que todos fiquem em círculo e cada um diga seu nome e vá ao centro para abrir um desses cartazes e mostrá-lo ao grupo. No momento que abrir o cartaz, todos do grupo aplaudem a pessoa. Segue com cada pessoa indo ao meio, mostrando um dos cartazes e sendo aplaudida. As frases podem ser: Vocês são pessoas importantes em minha vida; Vocês merecem toda a felicidade do mundo; Eu desejo muita paz para vocês; Eu me sinto feliz com vocês por perto etc. Ao final, dialogam sobre os valores contidos nas frases e a sensação de serem aplaudidos.

39 Acróstico de atitudes positivas

Cada um recebe um nome de um integrante do grupo, uma folha de papel ofício e uma caneta. O facilitador explica que eles escreverão, verticalmente e com letras grandes, o nome recebido na lateral do papel. Para cada letra, eles anotarão uma palavra ou frase que traga atitudes positivas na vida. Por exemplo, com a letra A pode se escrever “alegria de viver”, com a letra T pode ser “trabalha com amor” etc. Depois que finalizarem o acróstico, o facilitador pede que o prendam no varal disponibilizado na sala. Depois de pregado, todos passeiam para ler seu nome e o dos outros. Fazem um círculo e conversam sobre o sentimento que tiveram ao ler as frases com seu nome e a importância de ouvir coisas positivas dos colegas.

40 Cartazes dos desejos

O facilitador desenhava no chão da sala algumas linhas. Nas extremidades dessas linhas ele colocou um pequeno cartaz com desejos, como: Eu lhe desejo paz; Eu lhe desejo felicidade; Eu lhe desejo coragem etc. Explica aos membros do grupo que todos andarão pela sala e, quando ouvirem um sinal, deverão parar em uma das extremidades. Nesse momento pegam o cartaz e mostram para o outro que está na outra ponta. É importante sorrir e saudar o outro. Voltam a andar e com um novo sinal param em outras pontas das linhas. Continua sempre a mesma proposta de se falarem à distância e mostrarem o cartaz. Fazem isso algumas vezes. Ao final, pede que cada um fale qual a frase dos cartazes que mais tem a ver com seu momento de vida.

41 Sementes invisíveis de bons sentimentos

O facilitador pede que o grupo fique em círculo. Ele explica que precisará que todos usem a imaginação nesta atividade. Esclarece que na mão dele tem sementes invisíveis de amorosidade. Essas sementes serão passadas de mão em mão. Ele caminha pelo grupo e entrega aos participantes uma semente de amorosidade. Para cada pessoa que entregar, ele olha no olho e fala a palavra “amorosidade”. O outro recebe a semente invisível com a mão aberta. Depois que passar por todos, ele explica que cada um inventará sua semente invisível de algum sentimento positivo, como: paz, carinho, fraternidade etc. Segue a atividade com um participante passando também pelo círculo e entregando sua semente às pessoas. Há um prosseguimento com cada um inventando sua semente e também doando para os outros até todos terem passado pelo círculo. Ao final, conversam sobre como é doar e receber as sementes.

42 Mãos com palavras

O facilitador entrega uma caneta e uma etiqueta a cada participante e pede para que escreva uma palavra positiva e cole na palma de uma das suas mãos. Depois explica que eles andarão pela sala e, quando houver um sinal, eles devem parar e mostrar a mão para uma pessoa mais próxima. Os dois conversam sobre as palavras que carregam em suas mãos. Solicita algumas vezes que parem, mostrem a mão e conversem. Depois, com todos em círculo, o facilitador pede para lerem a palavra e tocarem no seu coração com a mão que ela está escrita. Explica que é uma forma metafórica para que todas essas palavras sejam integradas ao seu ser. Ao final, conversam sobre a simbologia de trazer essas palavras nas mãos.

43 Nossos amigos, nossos tesouros

O facilitador explica ao grupo de participantes que no meio da sala tem uma caixa cheia de tesouros (pequenas pedras pintadas de dourado). Eles deverão pegar uma quantidade dessas pedras. Disponibiliza um lápis e orienta-os a escreverem em cada pedra o nome de um colega do grupo. Depois disso esclarece que eles andarão pela sala e quando ouvirem um sinal devem parar em frente à outra pessoa e pedir para que ela carregue um pouco os seus tesouros. Na hora da entrega, devem se apresentar e depois completar a frase: “Eu peço que você carregue este tesouro com muito amor”. Entregam e recebem também as pedras do outro. O facilitador solicita que andem e dá novo sinal para pararem. Fazem as trocas e o exercício segue com esses encontros. Depois de algumas repetições, o facilitador pede que façam um círculo e que cada um leia o nome das pedras que ficaram. Ao final, conversam sobre o significado dos tesouros e do cuidado com o outro.

44 Visita de incentivo

O grupo é dividido em duplas com um sendo A e o outro B. Os participantes que são A pegam suas cadeiras e se distribuem pelo meio da sala. Para os que são B, o facilitador explica que eles farão de conta que as pessoas que estão sentadas são grandes amigos e que receberão a sua visita. Esclarece que, quando for dado o sinal, B poderá escolher qualquer pessoa A e falar mensagens de incentivo para a vida. Esses incentivos podem ser sobre: sucesso no trabalho; saúde para a família; conquistas na vida etc. É importante chamar a pessoa que está sentada pelo nome que está no seu crachá e inventar o que dizer para ela, mesmo se não a conhecer. Segue a atividade com o facilitador orientando para que B escolha um novo A com o sinal que for dado. Repete-se isso algumas vezes e depois se inverte com B sentado e A circulando. O facilitador desenvolve novamente a mesma sequência de ir falar algo e depois escolher outra pessoa. Ao final, cada um fala sobre qual foi a mensagem mais importante para sua vida atualmente.

45 Compartilhando as ideias do outro

O facilitador distribui pares de números de forma aleatória para os participantes. Depois pede que quem for número 1 encontre o outro par número 1, o 2 encontre o outro 2, o 3 o outro 3, e assim por diante. Esclarece que as duplas andarão juntas pela sala e que durante dois minutos um par se apresenta, fala de um tema da paz em família e o outro escuta. É importante afirmar que as pessoas que escutam devem prestar bastante atenção, pois depois farão um resumo dessa fala para o grande grupo. A proposta é falar sobre o que é um lar onde as pessoas vivem em paz, quais os comportamentos e quais atitudes que as pessoas devem ter. Começa a falar e depois inverte para que o outro par fale. Faz um círculo e cada um expõe um curto resumo do que ouviu do outro, apresentando-o ao grupo.

46 Dado com perguntas sobre viver em grupo

O facilitador cria um caixa em formato de dado, contendo de cada lado uma pergunta sobre o viver em grupo. Pede que a turma fique em círculo e avisa que cada um vai responder uma das perguntas que está no dado. Primeiramente diz seu nome, joga o dado e responde. As perguntas podem ser: Como manter os laços afetivos no grupo? Qual o ingrediente fundamental para manter o grupo unido? O que mais precisamos para ter um grupo em paz? É um total de seis perguntas, que são os seis lados do dado. Inicia-se a sequência das pessoas jogando e respondendo. Ao final, o facilitador pede alguns comentários sobre o que mais lhes chamou atenção nas respostas.

47 Passando pelo corredor musical

O facilitador distribui a música “Andar com Fé” de Gilberto Gil e ensaia com o grupo. Depois pede que todos formem um corredor musical com duas linhas de pessoas. Uma em frente à outra. Esclarece que a pessoa da ponta irá atravessar o corredor olhando para os outros e andando lentamente. Enquanto a pessoa passa, o grupo segue cantando a música para ela. Assim que essa pessoa chegar do outro lado, a outra da ponta inicia sua caminhada. Prossegue a atividade com todos passando pelo corredor. Informa que quem quiser pode passar andando ou dançando. É livre. Ao final, dialogam sobre o que sentiram em andar no corredor humano e ouvir a música.

48 Escolhendo o jardim

O grupo é dividido em equipes de três pessoas que são nomeadas A, B e C. O facilitador avisa que todos que são A irão para o meio da sala e entrega a eles uma planta que representa o grupo. A planta é um sentido figurado, representando algo que devemos cuidar, regar, dar amor etc. Explica que os outros dois que são B e C ficarão juntos em pé, parados em algum lugar da sala e que representarão um jardim. O facilitador entrega para cada uma das duplas um cartaz com um desses dizeres: jardim da alegria; jardim do carinho; jardim da simplicidade; jardim da fé etc. A proposta é que A escolha um desses jardins para colocar sua planta. Quando ouvir o sinal, ele se dirige para qualquer uma das duplas e explica por que escolheu aquele jardim especificamente. Os que são B e C ficam apenas ouvindo cada pessoa que chega. O facilitador segue dando o sinal e pedindo para que outro participante A escolha o seu jardim. Faz isso algumas vezes e depois pede que A troque de lugar com B, deixando com ele também a planta. O B passa a visitar os jardins e por fim passa a planta para C. Repete-se a proposta das visitas. Ao final, os participantes falam sobre como foi ouvir as pessoas e também levar a planta para os diferentes tipos de jardins.

49 Escola do amor

Ao chegarem à sala, os participantes recebem um crachá com seu nome e a frase escrita “Escola do Amor”. A sala já tinha sido enfeitada anteriormente pelo facilitador com imagens de união entre as pessoas, como: pessoas juntas numa mesa; pessoas se abraçando; um ajudando o outro etc. Coloca-se também uma música suave e solicita que eles andem pela sala e vejam as imagens calmamente. Pede que fiquem em círculo e reflitam um pouco a partir da frase no crachá e as imagens que viram. Logo após, o facilitador solicita para que peguem na mão um do outro. Explica que cada um, na sua vez, vai dizer à pessoa do lado esquerdo “muito obrigado(a), (diz o nome), pela sua presença” e para a pessoa do lado direito “muito obrigado(a), (diz o nome). Nosso grupo o ama muito”. O facilitador inicia falando para o lado direito e depois o esquerdo e prossegue com os outros do círculo. Ao final, pergunta-se sobre o que eles sentiram ao ouvirem as frases e ao verem as imagens.

50 Mensagem sobre amizade

O facilitador organiza as cadeiras da sala em duplas e com uma em frente à outra. Solicita que os participantes escolham qualquer lugar para sentar, formando-se assim uma dupla. Avisa-os para subdividirem-na em 1 e 2. Entrega para o participante de número 1 um texto, e para o 2 outro texto diferente. Esses textos são exemplos de mensagens sobre a amizade. Esclarece que todos primeiramente farão silêncio e ouvirão uma música calma. Guia-os para inspirarem e expirarem tranquilamente e fecharem os olhos. Solicita que eles imaginem seus amigos sorrindo para eles. Orienta-os para se concentrarem em cada rosto e sorriso que veem dos amigos. Por fim, pede que guardem a emoção da felicidade dos amigos e que continuem ouvindo a música. Esclarece que todos os que são número 1 lerão o texto calmamente para os de número 2, que ficarão de olhos fechados. Faz-se a leitura e depois solicita que o 1 feche os olhos e o 2 leia. Na finalização, organiza-se um círculo e os participantes são convidados a falar o que sentiram nessa atividade e o que a mensagem trouxe de bem-estar.

51 Corações conectados

Distribuem-se vários pedaços de fitas no chão do mesmo tamanho. Explica-se aos participantes que eles deverão andar pela sala e parar em uma das pontas dessas fitas. No momento que eles pararem, devem pegar a fita e colar no seu coração. Olham para o outro que está na outra ponta da fita e respiram profundamente duas vezes. Ao final da segunda respiração falam juntos: “Eu estou conectado ao seu coração”. Depois se apresentam um para o outro. Caso já se conheçam, podem falar uma mensagem positiva. Voltam a andar e novamente param em qualquer ponta da fita. Colocam no coração, respiram, falam a frase juntos e se apresentam. Sempre na mesma sequência. Prossegue-se a atividade por alguns minutos, trocando algumas vezes de lugar e depois fazendo um grande círculo ao redor das fitas. Solicita-se que observem as fitas no chão, perguntando sobre o que elas simbolizam e também como foi encontrar e se conectar simbolicamente com as pessoas. É importante valorizar o símbolo da ligação afetiva que existe entre as pessoas.

52 Trazendo seu nome do coração

O facilitador organiza o grupo em círculo e explica que todos ficarão de costas e, quando for dado um sinal, virarão novamente para dentro do círculo. No momento que estiverem de costas, os participantes devem colocar as duas mãos no coração e pensar que o sentimento bom que eles têm ali dentro será doado para o grupo. Quando for dado o sinal pela primeira vez, eles viram todos juntos, abrem os braços, doando o sentimento bom para o grupo e falando seu nome. Fazem isso uma segunda vez e o facilitador pede que falem mais alto e abram mais os braços com um sorriso. Depois de terem feito esse movimento juntos, o facilitador pede que cada um faça individualmente e o grupo irá vê-los. O participante vira de costas, coloca as mãos no coração e retorna para o meio falando e abrindo os braços. Segue para o próximo da direita até que todos tenham feito a atividade individualmente. Para a etapa de finalização, o facilitador conversa com o grupo sobre qual foi a sensação de falar seu nome dessa forma e o que representa a doação do sentimento bom para os outros.

53 Doando sementes para a vida

O facilitador distribui um pequeno saco com sementes de: girassol, abóbora, de alguma árvore etc. Explica que essas sementes deverão ser trocadas entre os participantes. Esclarece que as sementes têm uma simbologia e uma metáfora para a vida que será interpretada por cada um. Para cada pessoa que o participante doar, ele deverá falar algo importante sobre o receber e desenvolver essa “semente” na vida. Eles andam pela sala e, quando for dado o sinal, cada um para diante de um colega, apresenta-se e doa a semente. O facilitador estipula um tempo para um e outro falarem sucintamente sobre a semente. Depois segue dando os sinais e solicitando que eles andem e parem diante de outro participante. Prossegue-se com as mudanças de pessoas durante alguns minutos. Faz-se um círculo ao final e eles dialogam sobre o que ouviram e falaram a partir da simbologia da semente.

54 Crachá para alguém muito especial

Os participantes recebem um crachá em branco e o nome de alguém da sala. O facilitador pede para que escrevam como quiserem o nome da pessoa na frente, e atrás uma mensagem positiva. No início do texto todos devem colocar a frase: “Você é alguém muito especial”. Depois que todos tiverem finalizado, o grupo fica em círculo e cada um deverá ler o nome e a mensagem e depois doar para a pessoa dona do crachá. O participante que recebeu segue a atividade, lendo o crachá que ele preparou e assim sucessivamente até que todos tenham lido e recebido. Ao final, dialogam sobre como eles se sentiram realizando esta atividade e falam um pouco sobre a importância das mensagens positivas.

55 Conhecer pela escuta

O facilitador organizou a sala distribuindo vários pares de cadeira com uma de costas para a outra. Esclarece ao grupo que, quando for dado o sinal, eles deverão sentar nas cadeiras e se apresentarem para a pessoa, concentrando-se apenas na voz do outro. É importante conversar e colocar toda a concentração na escuta. Eles deverão falar informações básicas, como: nome, as atividades cotidianas, o que gosta de comer, de fazer etc. O facilitador dá o sinal para que eles troquem novamente de lugar e conversem com outra pessoa. A mudança de cadeiras prossegue por alguns minutos. Ao final, pergunta ao grupo sobre a sensação de somente escutar. Conversam um pouco sobre a importância do saber ouvir e reconhecer a voz do outro numa relação em grupo.

56 Abraço grátis na sala

Todos os participantes recebem um crachá com a frase “Abraço grátis” escrita. O facilitador divide a sala em dois grupos. O primeiro grupo ficará espalhado no espaço da sala e pronto para doar abraços. O segundo deverá sair da sala. O facilitador dá o sinal para que os que estão fora entrem e andem pela sala, recebendo os abraços. Depois são invertidas as posições com aqueles que estavam dentro indo para fora e vice-versa. Quando encerrarem, discutem sobre como foi doar e receber os abraços.

57 Escrever o nome na bola

O grupo é posicionado em círculo. O facilitador apresenta para o grupo uma bola e explica que ela representa o grupo. Avisa que todos deverão assinar essa bola e falar para o grupo o complemento da seguinte frase: “Eu me sinto responsável por este grupo porque...” Para começar, o facilitador assina, fala e passa a bola com uma caneta. Cada participante assina e também fala o complemento da frase. Segue a passagem da bola até a última pessoa do grupo. O facilitador mostra que a bola tem as assinaturas dos participantes, coloca-a no meio do círculo e pergunta o que ela representa para a convivência coletiva. É importante valorizar as assinaturas como um ato simbólico de compromisso com o grupo.

58 Mensagem no copo

O facilitador distribui um copo plástico e uma caneta para cada participante. Ele pede que todos escrevam uma mensagem positiva na lateral do copo. Dá um tempo para a produção do texto. Depois o grupo se posiciona em círculo. O facilitador coloca no meio uma mesa ou uma cadeira com um vaso de água. Ele explica que cada pessoa virá ao centro para colocar um pouco de água no copo e escolher alguém no grupo para oferecê-la. Para diante da pessoa, lê a mensagem escrita no copo e depois fala: “Obrigado(a) por você estar aqui hoje”. A pessoa que recebe a água pode bebê-la e logo em seguida ir ao centro e repetir a mesma ação da outra que é escolher alguém, ler a mensagem, falar a frase de agradecimento e depois oferecer o copo com a água. Após todos terem ido ao centro e recebido os copos de água, o facilitador convida-os a refletirem sobre qual o significado desta ação e o que cada um sentiu ao oferecer e receber a água.

59 Falar se vendo no outro

Os participantes são divididos em duplas, que ficarão distribuídas pelo espaço da sala. Um participante da dupla é o número 1, e o outro é o número 2. O facilitador entrega um espelho pequeno para cada número 1. Esses ficarão parados e manterão o espelho na altura do tórax, virados para a frente de seus parceiros. O número 2 falará a frase: “Eu me vejo em você”. Depois se apresentará, dizendo o seu nome, o que faz, o que gosta, o seu jeito de ser etc. No momento da fala, ele deve ficar olhando o tempo todo para o espelho. Essa é a regra fundamental da atividade: olhar para o espelho quando fala. O facilitador dá um sinal e o número 2 segue para outro número 1. Continua pedindo que mudem algumas vezes, e depois invertem-se as posições com o número 2 parado com o espelho e o número 1 circulando. Ao final da atividade, eles conversam em círculo sobre como se sentiram falando e olhando para o espelho. Além disso, refletem um pouco sobre o significado da frase: “Eu me vejo em você”.

60 Animado e desanimado

O grupo é dividido em duplas. Um dos participantes da dupla será o animado e o outro o desanimado. O facilitador explica que ele colocará uma música alegre e eles andarão o tempo todo juntos. O animado terá a função de dar alegria e entusiasmo para o desanimado. Ele poderá falar, fazê-lo dançar, movê-lo no espaço da sala etc. O facilitador explica aos participantes que haverá um aviso durante o momento que eles estiverem andando, que é: “O desanimado ficou animado”. Nesse momento os dois ficarão alegres, andando pela sala. E então, seguindo na atividade, deixando-se passar uns dois minutos da música e perto do final, o aviso combinado é feito e os dois participantes ficam animados. O facilitador pede que refaçam a atividade, agora com os papéis invertidos. Ao final, dialogam sobre o significado de viverem momentos de ânimo e desânimo, e qual a importância de ter uma pessoa ao lado para ajudar.

61 Painel coletivo de mãos

O facilitador disponibiliza papel, material de desenho e tesouras para o grupo. Pede que eles peguem uma folha, desenhem uma de suas mãos, pintando-a e recortando-a depois. Faz-se um círculo com cada um segurando sua mão pintada. O facilitador coloca no centro do círculo um papel grande e uma cola, explicando que agora deverão decidir juntos como irão colar essas mãos num grande painel. Os participantes devem conversar entre si para pensar numa forma criativa de colar e que traduza o interesse do coletivo. Depois de conversarem, devem colar as mãos no painel ao ritmo deles. Ao final, todos observam o resultado e o facilitador pergunta sobre o que a imagem trouxe de significado para o grupo e para a vida de cada um naquele momento.

62 Quebra-cabeça do ouvido

O facilitador produziu antes alguns *banners* com um ouvido impresso e depois os recortou livremente para formar um quebra-cabeça. Divide os participantes em equipes de acordo com a quantidade de *banners* disponíveis. Explica que eles deverão montar um quebra-cabeça. Avisa que a imagem final vai mostrar algo muito importante para se viver em grupo. Deixa um tempo para a equipe montar o quebra-cabeça. A cada equipe que finalizar, o facilitador pede para que os participantes conversem entre si sobre qual a importância daquela imagem na convivência em grupo. Ao final, faz-se uma roda e todos observam os ouvidos e falam sobre pontos interessantes que eles tenham discutido nas equipes.

63 A árvore conta minha história

O facilitador entrega para cada participante um cartão com uma imagem de uma árvore e uma caneta. É importante ter escrito o tipo de árvore para que eles conheçam. Explica que essa árvore é uma metáfora da vida de cada um e que começa na semente até a atualidade. Pede para que eles falem para a pessoa ao lado o que a metáfora da árvore representa para sua vida hoje. Logo depois, os participantes deverão escrever individualmente um pequeno texto atrás do cartão que traduza a sua história de vida, usando a metáfora da árvore que cresce e se desenvolve. Dá-se um tempo para escrever e em seguida cada um lê o seu pequeno texto para o grupo. No encerramento o facilitador pergunta o que eles aprenderam com essa vivência e com a simbologia da árvore.

64 No exterior e interior da mão

Os participantes recebem papel e caneta para fazerem um desenho de sua mão. Logo depois, eles devem escrever no meio da mão palavras que descrevam o que eles possuem atualmente e que lhes fazem bem; e na parte exterior aquilo que desejam possuir ou realizar de positivo. Dentro da mão é o que a pessoa já alcançou ou conquistou; e fora são os desejos de realizar ou possuir aquilo que trará bem-estar para ela e para aqueles que estão ao seu redor. Dá-se um tempo para construírem, pedindo para escreverem aquilo que pode ser compartilhado depois para o grupo. Em seguida cada um apresenta ao grupo o seu desenho e as palavras. Quando o participante terminar de falar, colocará a folha no chão no meio do grupo. Após todos terem apresentado sua folha, o facilitador encerra a atividade, pedindo que eles observem as mãos no chão e pergunta o que aquela grande imagem traduz. É fundamental refletir também sobre a mistura dessas mãos, realizando coisas boas no mundo.

65 Mensagem positiva coletiva

Forma-se um círculo com todos sentados, com um papel e uma caneta em mãos. O facilitador explica que o grupo construirá um texto com mensagens positivas de forma coletiva. A proposta é que cada um comece a escrever, de forma legível, uma mensagem positiva, e quando for dado o sinal, passará o papel para o próximo participante do lado direito e este continuará a escrever, seguindo a mesma ideia do anterior. A pessoa é livre para finalizar uma frase e começar outra completamente diferente, mas no mesmo sentido de ser positivo e de criar algo que trará bem-estar para aquele que vai ler. Continua a atividade, passando o papel de um para o outro. Se a turma for pequena (10 pessoas), o facilitador pode esperar que chegue até a última pessoa. Caso seja maior, pode avaliar o tempo disponível ou parar no meio. É importante avisar que a última pessoa finalizará o texto. Quando encerrarem, cada um lerá a mensagem que ficou na sua mão. Discutem um pouco sobre o que as mensagens trouxeram para o grupo e o que eles aprenderam, produzindo o texto coletivamente.

66 Obra coletiva de papel

O facilitador explica que o grupo criará uma grande obra coletiva no meio da sala. Ele distribui uma folha de papel ofício colorida para cada participante. Pede para que eles construam um objeto com essa folha que traduza sua personalidade, podendo dobrá-la, rasgá-la etc. Depois que todos estiverem com os objetos prontos, o facilitador explica que eles deverão posicioná-los um por um no meio da sala. No momento que for colocar no chão, o participante deve falar o que fez e por quê. Pede para que eles coloquem de uma forma que seu objeto dialogue com o outro objeto e com o todo da obra que está sendo criada. Após todos terem ido, o facilitador pede para que eles circulem pela obra e percebam imagens que ela traz. Conversam um pouco sobre a simbologia de fazer essa obra juntos e o que ela traduz sobre as pessoas e o coletivo.

67 Entrevistado/entrevistador

Os participantes são divididos em duplas, sendo um o entrevistador e o outro o entrevistado. O facilitador informa que o entrevistador vai ter um minuto para colher algumas informações básicas sobre o entrevistado, como: nome, suas atividades e seus gostos. Em seguida, cada dupla fica na frente do grupo e o entrevistador interpretará um repórter de TV que vai fazer algumas perguntas para o entrevistado, para que ele se sinta como uma celebridade diante dos outros participantes. A entrevista dura 2 minutos no máximo. Segue para outra dupla até que todas tenham se apresentado. As duplas voltam a ficar juntas e agora os papéis serão invertidos. Quem era entrevistador vira entrevistado e vice-versa. Repete-se a mesma proposta de preparação e depois a realização da apresentação para o grande grupo. É importante pedir que os entrevistadores sejam extrovertidos e façam de conta que estão diante de uma celebridade. Ao final, dialogam um pouco sobre como foi falar para o grupo e mostrar a si mesmo diante dos outros.

68 Círculo de pares

O facilitador coloca o grupo em círculo e pede para que os participantes formem dupla com quem está ao lado. Avisa para eles se dividirem em números 1 e 2. Explica que todos os de número 1 ficarão dentro do círculo virados de frente para o seu par, os de número 2, e que o número 1 mudará para o próximo número 2 do lado direito logo quando for dado o sinal. A proposta é que o número 1 se apresente para o outro na sua frente, falando seu nome, suas atividades cotidianas, o que gosta e o que não gosta etc. Enquanto o 1 muda, o número 2 ficará apenas ouvindo sem fazer nenhum comentário. O facilitador espera um tempo para o número 1 falar e logo depois dá o sinal para que ele passe para o próximo número 2 da direita. Segue dando o sinal e com os participantes 1 mudando até chegar no número 2 que havia começado a atividade. Finalizada essa parte, inverte-se o número 2 e 1. Agora é o 2 que vai falar e deslocar-se, e o número 1 ficará em silêncio. Completa-se a mesma sequência, sempre o participante 2 falando e mudando para o próximo participante 1 da direita. Ao final, pergunta sobre qual foi a sensação de falar e ser ouvido. Comenta também quais as informações que eles mais guardaram dos colegas.

69 Nomes virando frases positivas

Os participantes são divididos em duplas. O facilitador distribui uma caneta e uma folha em branco para cada dupla. Eles deverão escrever em cima da folha os seus nomes completos. O facilitador explica para eles construírem uma frase positiva ou identificarem uma palavra positiva, juntando as letras de seus dois nomes. Disponibiliza um tempo para construírem a frase e depois cada dupla lê o que foi construído. No momento da fala de cada dupla, o facilitador pede para que seja explicado para o grupo o sentido da frase ou da palavra que foi escolhida. Encerra-se com um diálogo sobre a construção de algo em equipe e os valores positivos na vida.

70 Mudando de lugar

O facilitador explica que, quando ele der um sinal, os participantes irão sair do lugar em que estão sentados e se deslocarão para outro dentro da sala. No momento que estiverem se deslocando, devem saudar e sorrir para as pessoas com as quais eles cruzarão. Chegando a esse novo lugar, o participante se apresenta para a pessoa do lado. O facilitador pede que se desloquem uma segunda vez e falem com os passantes e com aquele que sentar ao lado. Repete-se essa mesma sequência mais duas vezes. Ao final, voltam para o seu lugar de origem. O facilitador pergunta aos participantes quantas pessoas eles conseguiram conhecer, deslocando-se pela sala e qual foi o aprendizado adquirido com a atividade.

71 Repassar o carinho recebido

O facilitador posiciona o grupo em círculo e explica que cada um dará um abraço a outro colega do grupo. Antes de abraçar, deve-se falar: “Eu te repasso o carinho que eu recebi”. O facilitador começa a atividade falando a frase e abraçando um participante do seu lado direito e este segue falando e abraçando o próximo colega. Quando todos tiverem feito a tarefa, o facilitador pedirá para que eles andem pela sala e escolham livremente uma pessoa para falar a frase e abraçá-la. Convida todos para voltarem ao grande círculo e pergunta sobre o que sentiram realizando a atividade e qual a importância da frase que fala do carinho.

O papel afetivo e criativo do facilitador

Agir com afetividade: o facilitador deve buscar ser alguém afetivo e carinhoso com os participantes do grupo, servindo-se de exemplo para aquilo que deseja na prática da afetividade. Ele constrói isso a partir da sua presença tranquila; seu olhar sincero e atencioso; sua voz envolvente e seus gestos gentis. É uma busca pela simplicidade de estar conduzindo um grupo com a simplicidade de ser humano em sua beleza de sentir, pensar e agir com amor.

Valorizar as falas de cada participante: a fala de cada pessoa no grupo é muitíssimo importante. O tempo todo o facilitador deve manter uma atenção redobrada no que os participantes falam e como os outros estão escutando. É nesse momento de falar que muitos participantes começam a ter consciência e a internalizar o que foi aprendido na dinâmica.

Saber adaptar: o facilitador deve usar de sua flexibilidade e versatilidade para adaptar as dinâmicas a alguma circunstância emergencial do grupo, como: mudança na duração; novos integrantes; falta de interesse dos participantes em fazer a atividade; estrutura inadequada da sala; falta de material didático; quantidade imprevisível dos participantes etc. São situações que pedem que o facilitador seja ágil e não perca a oportunidade única de desenvolver a dinâmica de forma criativa e sensível.

Concentrar-se na escuta: o facilitador deve se concentrar em escutar muito mais que falar. É importante desenvolver a habilidade de fazer as perguntas certas e nos momentos adequados. O grupo precisa de um facilitador que guie as reflexões e que medie o diálogo entre todos.

Não perder a esperança: nós acreditamos no poder transformador de cada pessoa e trabalhamos com essa esperança de ver os grupos vivendo em paz e cheios de exemplos de amorosidade. É isso que guia o facilitador e mantém seu coração ativo e seu entusiasmo. Mesmo que haja dificuldade, desistência ou descrenças do grupo, é fundamental manter a esperança e lutar pelos valores do amor e do carinho vivos em cada pessoa.

Confiar no amor no grupo: para o facilitador, o grupo de participantes é um coletivo de seres humanos que tem imensos potenciais de amar. Cada indivíduo tem sua personalidade, sua história de vida e seus sonhos. No momento que fazemos a atividade, é esse ser humano integral que queremos ver expressando suas emoções, imaginações e gestos.

Integrar a sala ao mundo: quando desenvolvemos uma atividade, sabemos que ali na sala é apenas um lugar de exercício dos valores humanos. Por isso, o facilitador deve sempre saber o momento certo de vincular o que se faz na sala com a vida cotidiana. Os participantes devem aprender a levar o que aprendeu nas experiências na sala para praticar no dia a dia.

Aprender com o grupo: quando o facilitador tiver dúvida sobre alguma questão proposta pelo grupo, é importante compartilhar a questão com todos. Os participantes são capazes de se ajudar, de encontrar respostas entre si. É uma crença no poder do coletivo e no seu valor de trabalhar com a solidariedade. É essa troca que faz os participantes afirmarem seu lugar de indivíduos que têm conhecimentos e que podem levar cada vez mais a afetividade para seu lar.

Recriar: as atividades devem ser vistas também como pistas e ideias disparadoras para que novos exercícios sejam criados e mais vinculados ao contexto do grupo. Nós sabemos que o facilitador tem seu poder criativo, que pode pensar naturalmente em novas e interessantes variações para as atividades propostas.

Valorizar a partilha em grupo: o facilitador deve ficar atento ao final das atividades, pois é importante haver uma sequência que leve o grupo a vivenciar e chegar a uma reflexão no final. Para isso, é imprescindível reservar com cautela o tempo do diálogo final do grupo.

Ter paciência: aos poucos, o grupo pode vivenciar diferentes atividades e o facilitador sentirá uma mudança na disponibilidade e na extroversão das pessoas. Elas ficarão cada vez mais abertas para participar. É claro que depende da personalidade dos participantes e do entusiasmo do facilitador, mas é algo natural que a integração afetiva se instale como algo comum no grupo.

Relação intrapessoal e interpessoal no grupo

No desenvolvimento das dinâmicas apresentadas neste livro, temos algumas dimensões referentes às relações intrapessoal e interpessoal. Elas ficam mais claras e se instalam como algo importante para os participantes no momento que se efetiva a reflexão final sobre as atividades.

Vemos que a relação **intrapessoal** é algo natural para os participantes. Isso é visível principalmente quando eles conseguem estabelecer um processo de autoconhecimento no momento que percebem seu valor individual no coletivo. Já a relação **interpessoal** é algo inerente às atividades em grupo. O que se acrescenta é a afetividade na convivência, valorizando um contato mais humano e sensível como base para se estabelecer os relacionamentos.

É importante valorizar os vários níveis de relações para auxiliar os participantes em suas transposições do que é vivido em sala para o cotidiano.

Sabemos que, quando trabalhamos com integração afetiva, a palavra relacionamento ganha um novo valor para o cotidiano das pessoas. Elas são estimuladas a sair da sua bolha de personalidade individual ou de sua zona de conforto para conhecer a si mesmo e os outros na experiência realista de cada exercício. Esses relacionamentos são guiados por mecanismos pedagógicos através de um acompanhamento do desenvolvimento pessoal dos participantes. São mecanismos usados para manter o foco na construção afetiva e não permitir que sejam instalados os conflitos ou competições desnecessárias.

Para compreender melhor, apresentamos a seguir as dimensões dos relacionamentos que trabalhamos, pedagogicamente, nas diferentes dinâmicas:

Relação consigo mesmo: os participantes são colocados de frente para si mesmos nas descobertas de suas emoções, reflexões e gestos no momento que realizam a atividade com o outro. Esse processo de autodescoberta começa na sala e continua na vida pessoal. Sabemos que o momento grupal é um grande disparador de reflexões e emoções para a vida pessoal. Essa percepção de si é também acionada no momento que ele se compara com o outro participante, quando é tocado por uma fala reflexiva ou quando toma consciência do que está aprendendo. Para que essa relação consigo mesmo seja mantida é fundamental estimular os participantes a falarem de si e trazerem sua visão pessoal sem generalizar as interpretações ou ficar avaliando o desempenho do outro.

Relação com os outros participantes: as atividades instalam um momento rico e único para se desenvolver uma relação afetiva entre as pessoas. É uma oportunidade única de criar laços que vão além do instante do encontro e podem abrir uma nova rede de amigos entre os participantes. No decorrer das atividades, os participantes compreenderão cada vez mais o valor de viver em coletivo e aprender junto com as conquistas e fragilidades do outro. Queremos que o sentido de coletividade consiga promover a amorosidade, a generosidade e a amizade entre os participantes. Eles são levados também a dar mais valor à atitude de escutar o outro, pois sabem que têm algo de bom a aprender e que vai lhes ajudar a transformar algo na vida.

Textos de capa

Contracapa

Este livro foi concebido para auxiliar profissionais de Recursos Humanos e todos aqueles que lidam com grupos e corporações.

Fatores como a motivação e a integração fazem parte do dia a dia das organizações e influenciam todas as atividades dos grupos em qualquer esfera.

Este conjunto de 71 dinâmicas de grupo favorece o desenvolvimento afetivo na relação interpessoal. São atividades que se utilizam da ludicidade, da criatividade e da dinamicidade para gerar momentos que facilitam as pessoas a se conhecerem e estabelecerem laços afetivos.

Orelhas

Vivemos em um momento em que há necessidade real de retorno a algo muito simples na relação humana: o afeto. Vemos todos os dias cenas de agressão entre as pessoas e constatamos que o lugar da sensibilidade foi substituído pela crueldade, que se torna algo natural e comum. cremos que é possível exercitar a afetividade. Por isso, este livro traz um caminho de integração das pessoas pela prática de atitudes afetivas consigo e com o outro. É um espaço para dinamizar os bons sentimentos e os valores humanos que são naturais em cada indivíduo. É um convite para manifestar os gestos, as palavras e as emoções pela amorosidade e pelo bem-estar em grupo.



Ney Wendell é natural de Valente, BA. É professor da Université du Québec à Montréal, pós-doutor em Sociologia pela Université du Québec à Montréal-UQAM, doutor e mestre em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia – Ufba, licenciado em Teatro pela Ufba, arte-educador, diretor teatral, escritor e gestor de projetos sociais e educacionais. É coautor do livro *Direitos humanos no combate à violência: ações com adolescentes e jovens* (publicado pela FCCV e Unicef, em 2007), *Cuida bem de mim: teatro, afeto e violência nas escolas* (pela Editus, em 2010), *Praticando a gentileza em sala de aula* (2012), *Praticando a generosidade em sala de aula* (2013), *Praticando a gratidão em sala de aula* (2015, pela Editora Prazer de Ler), *Educar para o bem: práticas criativas de solidariedade* (2014, pela Editora Lorenz), além de vários artigos sobre educação, mediação cultural e artes em livros e revistas nacionais e internacionais. Atualmente desenvolve consultorias para projetos culturais e educacionais em ONGs, governos e instituições sociais no Brasil e no Canadá.